

Excerto traduzido do livro

**Ulrich Hub / Jörg Mühle**  
**An der Arche um Acht**  
**Patmos / Sauerländer Verlag**  
**Düsseldorf 2007**  
**ISBN 978-3-7941-6109-6**

Textauszug  
S. 27-32, 42-51

**Ulrich Hub / Jörg Mühle**  
**Na arca às oito**  
**Traduzido por Christine Röhrig**



[P. 27 – 32]

Quem já esteve na Arca de Noé, sabe muito bem que é um barco imenso. Tão imenso, que é muito fácil a gente se perder lá dentro. A arca tem três andares. Noé tem o maior orgulho dela, mas admite ter aceitado uma ou outra dica que recebeu pessoalmente de Deus enquanto a construía. Uma delas, é usar a madeira do cipreste e depois passar piche em todo o casco para evitar infiltração da água.

Na verdade, os dois pingüins não tiveram oportunidade de apreciar as habilidades de Noé. Resfolegantes, vão atrás da pomba, arrastando suas pesadas malas pelos intermináveis corredores. Precisam escalar as tubulações de ar e depois descer e descer os degraus íngremes até não saberem mais onde estão. Quando um deles geme de tanto esforço, a pomba volta a cabeça para trás e esbraveja: “Quietos, os outros bichos já estão dormindo faz tempo.”

No final do corredor, a pomba abre uma porta e desaparece atrás dela. Lá dentro está a maior escuridão. Cambaleantes, os dois pingüins vão atrás dela arrastando as malas. “Onde estamos?”

“Bem no fundo, no piso mais baixo”, murmura a pomba “na barriga da arca“.

Os dois pingüins colocam as malas no chão e olham ao redor. Está bastante escuro, a não ser por uma lâmpada pendurada no teto que deixa um fraco feixe de luz incidir sobre uns barris. Em toda parte ouvem-se estalos e de rangidos.

Mas que cheiro esquisito é esse?”

“É do piche”, explica a pomba, apontando para os barris. “Noé passou piche na arca para isolar o casco da água.“

“Piche?”, resmungam os dois pingüins horrorizados.

"Quietos, se não vão acordar os outros bichos." A pomba olha inquieta para o teto.

"Principalmente os leões que têm o sono levíssimo."

"Esse fedor é duro de agüentar.”.

"Não vai demorar para vocês cobrirem esse cheiro do piche com seu fedor de peixes", diz a pomba com frieza já querendo sair. “Mais alguma pergunta?”

É claro que os pingüins têm mais perguntas. Um monte delas até. Querem saber o horário de funcionamento do bufê, se têm de trocar de roupa para as refeições, onde podem alugar espreguiçadeiras, se há uma piscina no convés, se têm aulas de ginástica a bordo e –

“Mas onde vocês pensam que estão?”, grita a pomba vermelha de raiva. “Isso aqui é uma operação de salvamento, não um cruzeiro de luxo!”

Nesse momento, ouve-se um enorme rugido. Os dois pingüins se encolhem de medo e a pomba olha para o teto e vira os olhos: “Viram só, agora os leões acordaram de novo e olha que não é nada fácil fazer dois leões dormirem, ainda mais quando se é uma pomba como eu. Agora vou deixá-los sozinhos e não quero ouvir nem mais um pio!”.

“Só uma coisa”, dizem os pingüins depois de soltarem as malas, “por acaso a gente vai ter de ficar o tempo todo aqui embaixo?”

“Você podem se dar por satisfeitos de terem conseguido algum lugar, isso sim”, responde irritada a pomba. “A arca está entupida de animais até a boca. Ta certo que aqui embaixo pode ser um tanto escuro e até ter falta de ar, mas ao menos vocês têm um lugar. Lá em cima não se consegue andar de tanto bicho.”

“Mas o que vamos fazer todo esse tempo aqui embaixo?”

“Dormir como todos os outros animais.”

“E quando vamos chegar?”

"Mas nós ainda nem saímos", grita a pomba com toda força dos pulmões "e vocês já querem saber quando vamos chegar?”.

Logo em seguida, ouve-se um som ensurdecido de trompas. Os dois pingüins estremecem e a pomba lamenta: “Que ótimo, agora também os elefantes acordaram, e tudo por culpa de –“

De repente, um forte solavanco faz o chão do barco balançar. A pomba despenca numa cambalhota por cima dos pingüins. O baú de roupas começa a se mexer sozinho e desliza pelo chão. Tremendo, os pássaros se agarram uns aos outros. Gritos horríveis vem de toda parte. Urros de ursos, berros de ovelhas, grunhidos de porcos, trompas de elefantes, grasnar de gansos, gritos de macacos, gemidos de cabras, rinchar de cavalos, latidos de cachorros, cocorocó dos galos, coaxar dos sapos, cacarejar de galinhas, canto de corujas, sibilar de cobras, borbulhar de cavalos marinhos, silenciar dos veados, os mugidos das vacas, o uivar dos lobos, o miado dos gatos – resumindo: um barulho ensurdecedor.

Lá pelas tantas, tudo volta a ficar quieto. Só resta o som de um rumorejar constante. O chão balança. A lâmpada pendurada no teto vai lentamente de lado a outro.

"Zarpamos", conclui a pomba. "A arca levantou âncora e está navegando. Boa viagem." Antes de sair, a pomba ainda se volta na soleira da porta e olha para os pingüins que estão parados tremendo segurando um nas asas do outro na barriga da arca.

"Engraçado", diz a pomba, "estou com a impressão de ter esquecido alguma coisa bem importante." Coça a cabeça e murmura: "Daqui a pouco eu lembro." Depois disso sai fechando a porta atrás de si.

Imediatamente, os pingüins abrem a mala. "Tomara que não tenha sufocado nesse tempo."

Enfiado ali dentro, espremido como uma sanfona, está o pequeno pingüim. Os dois outros cutucam-no com as asas. Ele não se mexe. Colocam as cabeças na mala e fungam para sentir seu cheiro. O cheiro dele está estranho. À primeira vista, o pequeno pingüim parece estar morto, mas quando escuta o outro pingüim dizendo: "Com certeza ele vai pro céu", ele salta feito mola para fora da mala e pergunta agitado: "Onde é que estou?" "Na arca de Noé."

"Mas que cheiro esquisito é esse?"

"É o piche", explicam os outros "mas a gente acaba se acostumando".

"Não estou achando muito legal aqui", diz o pequeno e sai da mala. "Vou voltar para minha casa."

Os dois outros explicam, tomando cuidado para não assustar, que não há mais casa, que tudo foi inundado, porque Deus colocou o mundo inteiro debaixo d'água.

O pequeno pingüim engole seco e diz: "Quer dizer então que Deus existe de verdade?"

“Ele deu provas bem claras disso”, explicam os dois outros e pegam no pé dele: „Você vive criando dificuldades. Na verdade só podiam embarcar dois pingüins e aí a gente deu um jeito de te trazer escondido, mas ninguém pode saber, entendeu bem?”

“E o que vai acontecer aos outros animais?”, pergunta o pequeno pingüim, sem receber resposta. Os dois outros olham fixo para os pés. Depois de um longo tempo, respondem balançando os ombros: “Cedo ou tarde vão acabar percebendo.”

“O quê?”

“Pois é...”

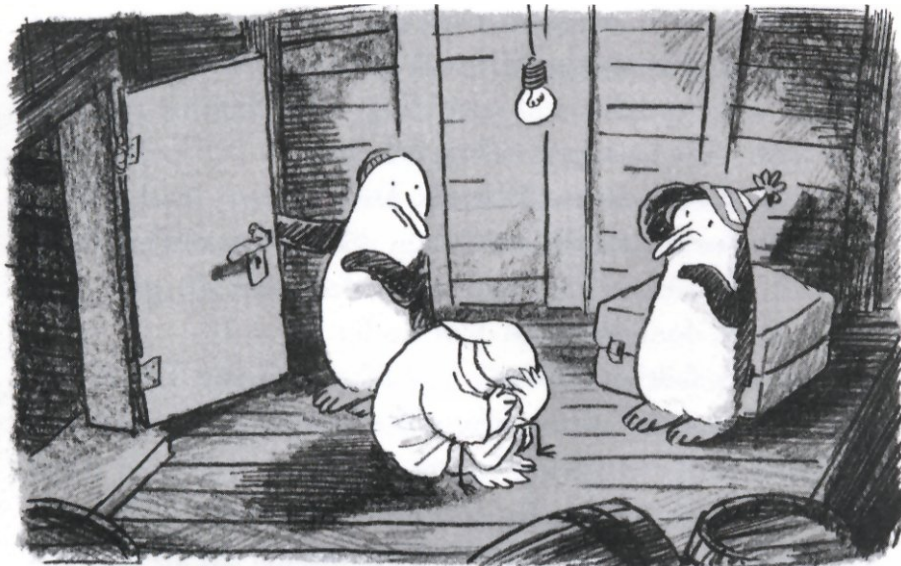
“Eles vão se afogar?!”

“Isso é você quem está dizendo”, dizem os dois e olham para o pequeno pingüim com ar de repreensão.

“E Deus permite que todos os outros animais morram afogados?”

Os dois outros tentam explicar que Deus está descontente, que de alguma maneira está cheio de tudo e que por isso quer começar tudo de novo, e que na verdade eles também não entenderam muito bem.

(...)



[P. 42 – 51]

“Mas o que é isso?”, pergunta a pomba.

Os dois pingüins fingem tentar ouvir: “Não estamos ouvindo nada”.

“Veio da mala”, conclui a pomba.

Os pingüins balançam a cabeça bem rapidamente.

“Bem que essa mala me pareceu suspeita desde o princípio.”

A pomba bate com a ponta da asa na tampa: “Pode abrir!”.

Os pingüins não se movem do lugar.

“Eu quero saber o que tem dentro dessa mala.”

“Deus”, responde o pequeno pingüim de dentro da mala.

A pomba estremece: “Como é que é?”.

Da mala vem um pigarrear e depois uma voz que agora soa um pouco mais grave:

“Você ouviu bem?”.

“Pois eu acredito que não”, diz a pomba rindo.

“Não acredita em Deus?”, pergunta a voz ameaçadora.

“Sim, mas...”

“Então”, diz a voz trovejante.

“Mas acho difícil acreditar que Deus esteja nessa mala”, defende-se a pomba.

“E por quê? Se Ele pode estar em toda parte.”

A pomba olha para os dois pingüins com cara de interrogação. Os dois fazem que sim com a cabeça.

“Então prove que você é Deus”, desafia a pomba.

“Você tem de acreditar em mim sem exigir provas.”

“Isso também é pedir demais.”

“Eu sei, mas aí que está a graça”, diz a voz da mala; “Se não, seria fácil demais. Não é à toa que dizem: acreditar em Deus.”

A pomba pensa um pouco e, finalmente, pergunta: “Sabe o que eu acho?”, e prossegue sem esperar resposta: “Que é mentira. Eu vou abrir a mala, e daí veremos”.

“Como quiser”, diz a voz. “Mas você ficará cega.”

“Cega?”

“Quem olha para Deus perde a luz dos olhos. Se faz questão de ficar cega, é só abrir a mala. Mas, cuidado, porque a presilha da esquerda está um pouco enfiada.”

A pomba olha indecisa para os dois pingüins. Um deles pensa se é verdade que se perde a luz dos olhos quando se olha para Deus, enquanto o outro espera encarecidamente que Deus esteja com os olhos em todos os lugares, menos na barriga daquela arca.

Depois de um tempo, a voz recomeça. “Está hesitando? Faz você muito bem. Até porque, seria triste demais se uma pomba linda e branca como você perdesse a luz dos olhos.”

“Como é que você sabe que sou uma linda pomba branca?”

“Ora, pois se fui eu mesmo quem te criou. Depois que criei todos os animais, eu disse a mim mesmo: ‘por fim, quero criar uma criatura que supere todos os outros, uma criatura à minha imagem e semelhança’. Foi aí que surgiu uma pomba branca.”

Entusiasmada, a pomba agita as asas. “Finalmente acredito que Deus esteja mesmo nessa mala”. Então ela se joga no chão diante da mala, e diz: "Sinto muito não ter acreditado de cara".

“Já esqueci.”

“Eu jamais pensei que o Senhor fosse tão compreensível.”

“Infelizmente, a maioria das pessoas tem uma imagem equivocada de mim.”

A pomba se arrasta mais para perto da mala. “Para ser sincera, eu fiquei um pouco furiosa com o Senhor.”

“Está tudo bem. Eu consigo suportar. Em geral, é difícil ter raiva de quem não significa nada para nós. Se ficou furiosa comigo, significa que não lhe sou indiferente.”

A pomba está perplexa. Os dois pingüins trocam olhares espantados. Como é que o pequeno pingüim chegou a essas idéias?

Da mala se ouve: “Você vai me dedurar por estar furiosa comigo?”

Apesar de a voz ainda soar amigável, a pomba tem a impressão de que muita coisa depende de sua resposta. Será uma pegadinha? Depois de pensar um pouco, ela aposta todas as fichas numa só cartada, e diz: “Esse dilúvio é uma catástrofe!”.

Da mala vem uma voz tranqüila, e diz: “Falando sinceramente, eu também não me orgulho desse dilúvio”. “Eu confesso que...”

“Prossiga, pode falar”, diz a pomba com suavidade.

“Confesso que exagerei um pouco.”

“Exagerou?!”

Até os dois pingüins ficam estupefatos.

“Cometi um erro”, grunhe a voz da mala.

Os dois pingüins se entreolham, pegam a pomba debaixo das asas e levam-na em direção à porta: “Deus agora está um pouco cansado“.

“Soltem-me, é muito emocionante, eu jamais imaginei que poderia ser tão prazeroso falar com Ele pessoalmente.”

“Você poderá ter esse prazer quando quiser, pois estarei sempre presente para você e em todo lugar”, diz a voz da mala.

“Nunca mais duvidarei da sua palavra, e falarei para o mundo como você é grande e maravilhoso, e eu garanto“, a pomba estica a asa direita para o alto, como uma espada, e continua: “Em tempo recorde, farei que todos o amem, como eu o amo“.

“Ah, deixe disso”, responde a voz generosa da mala, “cada um deve decidir por si só se deve ou não me amar. O amor só conta quando é espontâneo.”

A pomba fica completamente fora de si. Joga-se com o corpo na mala e abraça-a com as asas: “Eu sempre amei Você, mas agora amo muito mais ainda, é infinitamente melhor do que eu pensei”.

Tocados e constrangidos, os dois pingüins viram de costas, enquanto a pomba cobre a mala de beijos: “Mas talvez você tenha algum desejo? É só falar que eu farei tudo que me pedir“.

“Eu bem que gostaria de comer um bolo de fubá.”

A pomba dá um salto para trás: “Como?”.

“Um bolo de fubá.”

Os três olham fixamente para a mala. Um longo silêncio se instala. “É melhor a gente ir encerrando por hoje”, dizem os dois pingüins, pisando em ovos. “Deus parece estar um pouco cansado. Esse enorme dilúvio deixou-o exausto.”

“Por isso mesmo”, diz a pomba, apertando os olhos, “tanto mais ele merece o bolo de fubá.”

Jubilando de alegria, a voz da mala diz: “Essa pomba certamente irá para o céu!”.

“Mas, será que, depois desse cansativo dilúvio, não prefere algo mais grandioso?”, pergunta a pomba com voz derretida.

“Um bolo de fubá é suficiente.”

“Com uma bela crosta torradinha?”, arrulha a pomba.

A mala emite sons de aprovação.

“Com uvas passas?”

“Quanto menos, melhor.“

“E umas balinhas coloridas para enfeitar?”, oferece a pomba, cantarolando.

“Jamais vou me esquecer disso“, comemora o pingüim dentro da mala. De tanta alegria, aperta os olhos e enrola as asas feito punhos, e nem percebe quando a pomba abre a tampa da mala enquanto ele continua a falar animado: “Eu tenho uma excelente memória e estou pensando seriamente se não devo te transformar numa espécie de representante e ...”, só agora ele percebe que a sua voz não está mais grave e abafada. Abre os olhos, e avista a pomba branca diante dele de asas cruzadas.

“Tá certo que eu não conheço Deus pessoalmente“, rosna a pomba,”mas de uma coisa estou certa: que ele não é Deus, não é!”

O pequeno pingüim pigarreia, e diz: “Essas coisas não se pode saber.”

“Mas Deus não é um pingüim”, grita a pomba indignada.

Em vão, os dois outros pingüins tentam convencer a pomba de que Deus pode tomar a forma que quiser, mas a pomba nem presta mais atenção no que dizem. Ela agita as asas pelo ar, chegando até a perder algumas penas, e explica que nem por um segundo caiu nessa conversa, e que os pingüins deveriam se sentir envergonhados, e que, infelizmente, ela se via obrigada a levar ao conhecimento de Noé o comportamento de mau gosto dos pingüins, e que já podia adiantar que o castigo seria terrível.

Ao sair, ela ainda se volta na soleira da porta, e diz: “Com uns pingüins desses, a gente não vai ficar catando pena aqui na arca, não tem moleza”. Depois fecha a porta devagar atrás de si.

“Logo bolo de fubá”, lamentam os dois outros pingüins.

“Não me ocorreu outra comida”, responde o pequeno em voz baixa.

“Cedo ou tarde ela ia acabar percebendo que você não é Deus”, diz um dos pingüins; e o outro completa: “Aliás, eu já tinha percebido um pouco antes dela.”

“Percebido?”

“Que você não é Deus.”

“Mas você pensou que...”, perguntou o pequeno pingüim surpreso, “que era Deus que estava enfiado na mala?”

“Por um instante, sim. Você foi muito convincente.“

O pequeno pingüim corou de orgulho: “E olha que eu nem precisei pensar, as palavras iam surgindo na minha cabeça”.

Agora o terceiro pingüim perde a paciência de vez: “Vocês não estão bons da cabeça, ou o quê? Deus jamais admitiria ter cometido um erro. Você fingiu ser Deus, que isso é assim, é assim...”, e a voz dele vai se enrolando, “para isso deve existir palavra, mas eu não conheço, ou vai ver que não existe palavra para isso porque um pecado desses nunca foi cometido por ninguém. Por isso, todos nós seremos terrivelmente castigados. Já vejo o enorme punho Dele pairando sobre nós. “Pode ser que Deus seja bem diferente daquilo que imaginamos”, murmuram os outros dois; “e, com certeza, ele não deve ser tão vingativo assim.” Mas eles mesmos não estão tão convencidos disso e abaixam a cabeça esperando a catação de penas.

Os pingüins esperam e ficam matutando sobre o castigo. Eles não sabem exatamente o que significa ficar catando penas, mas isso não soa lá ser uma coisa muito boa. Logo, já não sabem se estão esperando pelo castigo por um minuto, um dia, ou uma semana. A espera lhes parece uma eternidade. “Talvez o castigo não chegue nunca”, refletem; “e o castigo seja esperar pelo castigo.”

De repente, um forte solavanco faz o chão do barco balançar. Os pingüins tombam em cambalhotas pelo chão. Gritos horríveis vêm de toda parte. Urros de ursos, berros de ovelhas, grunhidos de porcos, trompas de elefantes, grasnar de gansos, gritos de macacos, gemidos de cabras, rinchar de cavalos, latidos de cachorros, cocorocó dos galos, coaxar dos sapos, cacarejar de galinhas, canto de corujas, sibilar de cobras, borbulhar de cavalos-marinhos, silenciar dos veados, os mugidos das vacas, o uivar dos lobos, o miado dos gatos – resumindo: um barulho ensurdecador.

